

# Rainer Maria Rilke – Primeira Elegia

Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos me ouviria? E mesmo que um deles me tomasse inesperadamente em seu coração, aniquilar-me-ia sua existência demasiado forte. Pois que é o Belo senão o grau do Terrível que ainda suportamos e que admiramos porque, impassível, desdenha destruir-nos? Todo Anjo é terrível. E eu me contenho, pois, e reprimo o apelo do meu soluço obscuro. Ai, quem nos poderia valer? Nem Anjos, nem homens e o intuitivo animal logo adverte que para nós não há amparo neste mundo definido. Resta-nos, quem sabe, a árvore de alguma colina, que podemos rever cada dia; resta-nos a rua de ontem e o apego cotidiano de algum hábito que se afeiçoou a nós e permaneceu. E a noite, a noite, quando o vento pleno dos espaços do mundo desgasta-nos a face – a quem se furtaria ela, a desejada, ternamente enganosa, sobressalto para o coração solitário? Será mais leve para os que se amam? Ai, apenas ocultam eles, um ao outro, seu destino. Não o sabias? Arroja o vácuo aprisionado em teus braços para os espaços que respiramos – talvez os pássaros sentirão o ar mais dilatado, num voo mais comovido.

Sim, as primaveras precisavam de ti. Muitas estrelas queriam ser percebidas. Do passado profundo afluía uma vaga, ou quando passavas sob uma janela aberta, um violino d'amore se abandonava. Tudo isto era missão. Acaso a cumpriste? Não estavas sempre

distraído, à espera, como se tudo  
anunciasse a amada? (Onde queres abrigá-la,  
se grandes e estranhos pensamentos vão e vêm  
dentro de ti e, muitas vezes, se demoram nas noites?)  
Se a nostalgia vier, porém, canta as amantes;  
ainda não é bastante imortal sua celebrada ternura.  
Tu quase as invejas – essas abandonadas  
que te pareceram tão mais ardentes que as  
apaziguadas. Retoma infinitamente o inesgotável  
louvor. Lembra-te: o herói permanece, sua queda  
mesma foi um pretexto para ser – nascimento supremo.

Mas às amantes, retoma-as a natureza no seio  
esgotado, como se as forças lhe faltassem  
para realizar duas vezes a mesma obra.  
Com que fervor lembraste Gaspara Stampa,  
cujo exemplo sublime faça enfim pensar uma jovem  
qualquer, abandonada pelo amante: por que não sou  
como ela? Frutificarão afinal esses longínquos  
sofrimentos? Não é tempo daqueles que amam libertar-se  
do objeto amado e superá-lo, frementes?  
Assim a flecha ultrapassa a corda, para ser no voo  
mais do que ela mesma. Pois em parte alguma se detém.

Vozes, vozes. Ouve, meu coração, como outrora apenas  
os santos ouviam, quando o imenso chamado  
os erguia do chão; eles porém permaneciam ajoelhados,  
os prodigiosos, e nada percebiam,  
tão absortos ouviam. Não que possas suportar  
a voz de Deus, longe disso. Mas ouve essa aragem,  
a incessante mensagem que o silêncio prodiga.  
Ergue-se agora, para que ouças, o rumor  
dos jovens mortos. Onde quer que fosses,  
nas igrejas de Roma e Nápoles, não ouvias a voz  
de seu destino tranquilo? Ou inscrições não se ofereciam,  
sublimes? A estela funerária em Santa Maria Formosa...  
O que pede essa voz? A ansiada libertação

da aparência de injustiça que às vezes perturba a agilidade pura de suas almas.

É estranho, sem dúvida, não habitar mais a terra, abandonar os hábitos apenas aprendidos, às rosas e a outras coisas singularmente promissoras não atribuir mais o sentido do vir-a-ser humano; o que se era, entre mãos trêmulas, medrosas, não mais o ser; abandonar até mesmo o próprio nome como se abandona um brinquedo partido.

Estranho, não desejar mais nossos desejos. Estranho, ver no espaço tudo quanto se encadeava, esvoaçar, desligado. E o estar-morto é penoso e quantas tentativas até encontrar em seu seio um vestígio de eternidade. – Os vivos cometem o grande erro de distinguir demasiado bem. Os Anjos (dizem) muitas vezes não sabem se caminham entre vivos ou mortos.

Através das duas esferas, todas as idades a corrente eterna arrasta. E a ambas domina com seu rumor.

Os mortos precoces não precisam de nós, eles que se desabituaam do terrestre, docemente, como de suave seio maternal. Mas nós, ávidos de grandes mistérios, nós que tantas vezes só através da dor atingimos a feliz transformação, sem eles poderíamos ser? Inutilmente foi que outrora, a primeira música para lamentar Linos, violentou a rigidez da matéria inerte? No espaço que ele abandonava, jovem, quase deus, pela primeira vez o vácuo estremeceu em vibrações – que hoje nos trazem êxtase, consolo e amparo.

**Rainer Maria Rilke, Elegias de Duíno**